

Patrimônio cultural de Belém

As várias faces de uma mesma história

Rubens da Silva Ferreira

Organizador

Belém
2010

Patrimônio cultural de Belém

As várias faces de uma mesma história

Organi zado
por

Rubens da Silva Ferreira

Bel ém
2010



Universidade Federal do Pará

Reitor

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

Vice-Reitor

Horácio Schneider

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

Marlene Rodrigues Medeiros Freitas

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas

Marcelo Bentes Diniz

Faculdade de Biblioteconomia

Williams Jorge Correa Pinheiro

Capa

Rubens da Silva Ferreira

Texto

Alunos de Biblioteconomia, Turma 2007, noite

Universidade Federal do Pará - UFPA

Faculdade de Biblioteconomia - FABIB

R. Augusto Corrêa, n. 1, - Campus Universitário do Guamá

CEP: 66075-900 Belém - PA - Brasil

Telefone: Secretaria FABIB - 55 + 91 + 3201-7354

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CPI)

Patrimônio cultural de Belém : as várias faces de uma
mesma história / Organizado por Rubens da Silva
Ferreira . -Belém, 2010.

141 p. : Il. color. ; 21 cm

Textos e ilustrações produzidos pelos alunos da
Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal
do Pará para a Disciplina Editação, ministrada pelo
Prof. Rubens Ferreira no 2º semestre de 2010.

1. Patrimônio cultural - Pará - Belém. 2. Pará -
História. 3. Ferreira, Rubens da S.

CDD 21. ed.: 689.089115

Sumário

1	Introdução.....	4
2	O complexo do Ver-0-Peso.....	8
3	Forte do Castelo.....	17
4	Cemitério da Soledade: patrimônio cultural esquecido.....	22
5	Espaço São José Liberto: um patrimônio cultural ligado do período colonial.....	29
6	Igreja da Sé: um patrimônio cultural do Pará.....	37

1 Introdução

A temática do patrimônio cultural tem ressurgido com força no Brasil na primeira década deste século. Em certa medida essa efervescência se deve à atuação dos órgãos de proteção em nível local, nacional e transnacional, a exemplo das secretarias estaduais de cultura, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da UNESCO.

Nesta direção, o livro *Patrimônio cultural de Belém: as várias faces de uma mesma história*, produzido pelos alunos do curso de Biblioteconomia da UFPA, representa um caminho de (re)encontro com os bens culturais do que já foi um dia Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Não é para menos que selecionaram monumentos que marcam simbolicamente a identidade do belenense para produzir os textos aqui apresentados. Em quase sua totalidade

esses bens estão situados no Centro Histórico de Belém, local de passagem e de encontro, de trabalho e de lazer.

O que se vê em *Patrimônio cultural de Belém...* é uma cidade de muitas faces que se faz lembrar, entre outras coisas, pelas suas edificações. A Belém militar, em que se construiu um forte para protegê-la das invasões, uma marca da presença europeia nas terras conquistadas. Uma cidade fúnebre, com um espaço reservado ao sepultamento aos cidadãos de boa família. Um mercado popular de cotidiano intenso, local de compra e de venda do que alimenta o corpo e a alma. O presídio feito para os criminosos e/ou para os que se opunham ao poder político local. Mas, também, uma terra de fé, em que as igrejas brotaram aqui e acolá.

À exceção do Ver-O-Peso e da Igreja da Sé, os demais bens de que trata este

livro já não possuem a função original a que se destinavam. Atualmente o Presídio São José, o Cemitério da Soledade e o Forte do Castelo são espaços culturais de sociabilidade ampla. Diariamente recebem a visita da população local e de turistas interessados em conhecer a história da metrópole da Amazônia.

Por certo, para os autores/alunos, produzir este livro foi uma maneira de redescobrir a capital paraense. Com a produção textual e a pesquisa bibliográfica, puderam entrar em contato com os detalhes arquitetônicos e as curiosidades históricas que a simples contemplação dos momentos não nos permite ver. Com a produção fotográfica, por sua vez, procuraram olhar o patrimônio cultural sob um novo ângulo, em todas as suas cores, formas e expressões. Enfim, trilharam por caminhos que os levaram a conhecer a Belém de ontem e de hoje.

Mercado de Ferro do Ver-o-Peso
Foto: Márcio Junior Nascimento



2 O Complexo do Ver-o-Peso

*Cristiane Rosa do Nascimento**

Hellem Pinheiro Almeida

Maria dos Anjos Moraes

Thiago Figueirêdo Silvestre

Observa-se que o Patrimônio Cultural está dividido em bens materiais e imateriais e tem como finalidade a preservação de lugares, objetivos e manifestações artísticas e culturais de um local, conservando assim a memória de um povo. Os bens materiais são divididos em bens móveis (núcleos urbanos etc.) e imóveis (acervos documentais etc.). Os bens imateriais são, por exemplo, a linguagem e costumes, entre outros.

Segundo Freitas (1999) o Ver-o-Peso é caracterizado como patrimônio cultural e material e foi tombado pelo Instituto

* Alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará.

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1977, por reconhecimento do seu conjunto arquitetônico e paisagístico, sendo registrado nos seguintes livros: Histórico; Arqueológico, Etnográfico, Paisagístico e Belas Artes.

Em 1614, foram criadas no Brasil as casas do ver-o-peso, mais precisamente no Rio de Janeiro, com o intuito de conferir, de acordo com o padrão, o peso das mercadorias e cobrar o imposto correspondente. Segundo Roque (2001) no ano de 1625 foi construída em Belém a casa do Haver-o-Peso, com base nos modelos que haviam em Lisboa.

De acordo com O Liberal (2000) em 1688, por solicitação da Câmara de Belém foi criado um posto de fiscalização, o qual foi denominado de "Lugar de ver-o-peso", devido ao fato de existir uma grande balança que verificava o peso das

mercadorias que entravam e saíam na Amazônia e localizava-se na área do igarapé Piri. Vale salientar, que esse igarapé foi aterrado no início do século XIX e, na sua foz, foi construída a Doca do Ver-o-Peso.

Já a denominação Ver-o-Peso deu-se ao fato dos moradores de Belém deslocarem-se ao lugar, para conferir se o peso das mercadorias realmente estava correto e se não eram enganados pelos comerciantes. Graças a esta prática, o local foi batizado com esse nome”.

De acordo com Roque (2001), a construção do Mercado de Ferro foi autorizado pela Lei Municipal nº 173, de 30 de dezembro de 1897, e a empresa vencedora da concorrência pública seria a La Roque, Pinto & Cia. A inauguração deu-se em 1901, em uma área de 1.197m² na forma de um dodecágono. O peso estimado da estrutura é de aproximadamente

1.133.389 toneladas e a parte metálica é de zinco *veille-montaine*. É considerado com suas quatro torres um dos mais importantes símbolos de Belém, refletindo o apogeu econômico do ciclo da borracha na Amazônia.

O complexo do Ver-o-Peso, por sua vez, ocupa um espaço aproximadamente de 26.000 m² e abrange o Mercado Municipal de Carne, o Mercado de Ferro ou de Peixe, o Solar da Beira, a praça do Relógio, a Praça do Pescador e áreas adjacentes. A parte arquitetônica do complexo é composta por estilos que variam entre o colonial, o barroco, o neoclássico e a arquitetura industrial de ferro.

As feiras compreendem um total de 1.280 barracas, divididas em 19 setores, entre as quais tem-se as de verduras, ervas, polpas, artesanato, raiz, alimentação, camarão, farinhas, mercearia. Nota-se que aproximadamente

duas mil pessoas trabalham diretamente no local e, outra quantidade considerável, passa por lá durante o dia, as que vão comprar para depois revender, turistas e moradores da cidade.

O movimento no local começa a se intensificar às seis da manhã, na chamada Pedra do Ver-o-Peso, localizada ao lado do Mercado de Ferro. É lá que os vendedores ambulantes comercializam seus peixes. Em razão do forte odor do pescado, o espaço tornou-se uma marca do local, principalmente por quem passa aos arredores de ônibus ou carro. Percebe-se, ainda, inúmeras embarcações atracadas ao lado do Mercado, próximo a Pedra.

O setor de ervas costuma funcionar somente pelo período da manhã. Vale salientar que as ervas são usadas em rituais considerados sagrados por pessoas da região e, também, na produção de preparados aromáticos, como o tradicional

“cheiro do Pará”, muito usado para perfumar armários de roupas e ambientes. Além disso, as vendedoras destes produtos receitam todo tipo de remédios para “curas do corpo e afirmam que as mesmas trazem solução para muitas doenças”.

Não poderíamos deixar de destacar que o Ver-o-Peso foi palco de fatos históricos como, por exemplo, a Cabanagem. Nassar (2001) menciona que ao longo dos séculos XVII e XVIII era no porto que os escravos negros vindos da África, europeus, indígenas nativos e comerciantes aportavam. E foi por ele que as mudas de café entraram no país, trazidas para a região por Francisco de Melo Palheta, da Guiana Francesa, o que transformou a economia do Brasil.

REFERÊNCIAS

FEIRA teve origem com o posto fiscal construído no Porto do Pirí, em 1688. **O Liberal**, Belém, 25 dez. 2007. Magazine, p. 1.

FREITAS, Dulciânica. Tombamento em reconhecimento da arquitetura. **Diário do Pará**, Belém, 21 mar. 1999. Atualidades, p. 8.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do;jsessionid=3C855C4AFF55F31F3ED3BE5594D2B1E>> Acesso em: 21 out. 2010.

MERCADOS do Brasil: de norte a sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 35-57. il.

NASSAR, Sidrin Flávio. Belém precisa re-ver-o-Ver-o-Peso: antes de ser ícone, o tradicional cartão postal de Belém precisa ser visto como espaço em mutação. **O Liberal**, Belém, 05 maio 2001. Cartaz, p. 7.

PATRIMÔNIO arquitetônico foi construído 72 anos após a fundação de Belém. **O**

Liberal, Belém, 07 jan. 2000.
Atualidades, p. 2.

ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001. il.

VER-0-PESO em festa. **O Liberal**, Belém, 4 abr. 2004. Atualidades. p.5.

VER-0-PESO era local de desembarque de todos: escravos e gente notável. **O Liberal**, Belém, 27 mar. 2009. Magazine. p.5.

Vista do Forte do Castelo
Foto: Renato Assunção



3 Forte do Castelo

*Alexandre Sena**
Cley Arthur
Joni Ido Sousa
Raimundo Silva Júnior
Renato Assunção
Wendell Lisboa

Após intensas batalhas contra os franceses no Maranhão, a metrópole portuguesa decidiu implantar a construção de um forte que pudesse guarnecer a Amazônia, fortalecendo sua fronteira contra invasores, o que por sua vez consolidaria o predomínio lusitano no norte brasileiro.

Era de interesse dos colonizadores portugueses estabelecerem uma conquista definitiva na região sob os aspectos econômico e cultural, uma vez que era um ponto estratégico, pois se tratava da foz do rio Amazonas, importante entreposto

* Alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará.

comercial, cabendo aos colonizadores firmarem sua presença.

Construído em 1616, mesmo ano da fundação de Belém, o prédio recebeu o nome de Forte do Presépio, tendo primeira edificação em madeira com cobertura de palha. Em 1622, após reconstrução, as formas modificadas e reforçadas, tendo ao longo dos anos passado por outras obras. Até que, em 1832, já em ruínas, é desativado e, no ano seguinte, passa a ser denominado Castelo São Jorge, mas, é semi-destruído na revolta de 1835. Reconstruído no período de 1850 a 1868, ele passa por diversas melhorias como quartéis e casas para os soldados e para os trabalhadores, além de uma ponte sobre o fosso, um portão e uma muralha pelo lado do mar.

A partir de 1876 passa a abrigar o Arsenal de Guerra e, em 1962, é tombado pelo IPHAN, tornando-se ponto turístico

da cidade. Mas, em 1980, após ter sua muralha parcialmente destruída, sofre reformas de emergência para salvar o que resta.

Em 1983, a SPHAN/proMemória através de sua Diretoria Regional, realiza obras de conservação de diversos monumentos do patrimônio incluindo o agora chamado Forte do Castelo, que sob responsabilidade do Exército, experimenta várias modificações para abrigar a sede social do Círculo Militar de Belém.

Em 2002 o Forte é transferido para a responsabilidade da Secretaria da Cultura, que deveria transformá-lo tanto quanto o Palacete das Onze Janelas em futuros espaços culturais de Belém do Pará na área externa dele ficam expostos os materiais de artilharia, como uma espécie de registro da antiga função militar que desempenhou ao longo de sua existência.

Hoje o Forte abriga o Museu do Encontro que tem a finalidade de contar um pouco do início da colonização na Amazônia além de apresentar núcleos temáticos relativos à arqueologia amazônica, à arqueologia urbana, à fundação da cidade, e ao próprio Forte como núcleo fundador da cidade.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Antonio Emílio Vieira. **Forte do Castelo**: sua breve história. [Belém?]: [S.n.], [1960?]. 61 p.

PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura do Estado. **Feliz Lusitânia**: Forte do Presépio, Casa das Onze Janelas, Casario da Rua Padre Champagnat. Belém: SECULT, 504 p. il. 2006 (Série Restauro).

Cemitério da Soledade
Foto: Durval Soeiro



4 Cemitério da Soledade: patrimônio cultural esquecido

*Danielle Carvalho**
Durval Monteiro Soeiro
Douglas Pinheiro

Fundado no dia 08 de janeiro de 1850, devido a um surto de malária ocorrido em Belém, o Cemitério da Soledade é o mais antigo de Belém, onde estão enterrados muitos personagens ilustres da história do Pará e, também, muitas pessoas de origem humilde, e outras que por sua história até os dias de hoje são consideradas “santas”, como por exemplo, a Preta Domingas, que tem sua sepultura visitada toda segunda-feira por diversos adoradores.

Anteriormente à construção do cemitério, as pessoas mais nobres eram enterradas em capelas e igrejas, e as

* Alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará.

peças menos abastadas e os escravos eram enterrados em valas. Com a inauguração do Cemitério da Soledade, indivíduos de classes sociais diferentes seriam enterrados em um mesmo espaço pela primeira vez em Belém. Mesmo assim, de acordo com Carlos Roque (1997), havia certa divisão do terreno em quadras que caberiam para os monumentos particulares, catacumbas, sepulturas para pessoas livres e escravos. Ou seja, mesmo com a inauguração do cemitério, ainda percebia-se alguma divisão social ou hierárquica. Os ricos e os clérigos, por exemplo, tinham suas sepulturas mais próximas à capela e de frente para o cruzeiro, e os mais pobres e os escravos tinham suas sepulturas em locais mais distantes e escondidos.

A Santa Casa de Misericórdia de Belém foi responsável pela administração do cemitério e pelos enterros dos pobres,

escravos e indigentes. A inauguração do Cemitério da Soledade coincidiu com o início do crescimento da exportação de borracha, período que antecedia um dos momentos mais importantes da história de Belém, quando ela se tornaria a “capital da borracha”, e viveria um tempo de grande desenvolvimento econômico. Essa prosperidade econômica também influenciou no aspecto cultural do povo da capital, que tomou o padrão europeu de comportamento como influência e modelo de sofisticação.

Esta fase de “apogeu cultural” também chegou ao Cemitério da Soledade. Diversas obras artísticas foram erguidas e construídas dentro de suas mediações, obras de vários artistas de renome internacional, como por exemplo, a construção do pórtico da entrada, elaborada pelo arquiteto italiano Pezarat e executada pelo construtor português

Joaquim Maria Osório de Lisboa que tornaram, aos poucos, o Cemitério da Soledade no cemitério mais importante do Pará.

Em 1874, por motivo de uma epidemia de varíola, surgiu um novo cemitério na cidade: o Santa Izabel. Como o da Soledade naquela época já não suportava a grande demanda de enterros provocados pela epidemia, e também por ter se tornado um local de sepultamento elitista, ficando restrito somente aos mais ricos, o Cemitério de Santa Izabel veio para aliviar essa demanda e ser o destino dos enterros dos escravos e das vítimas da varíola.

Em 1880, alegando espaço insuficiente para os enterramentos e solo inadequado para este fim, o Presidente da Província, Dr. José Coelho da Gama Abreu, suspendia o funcionamento do Cemitério da Soledade. Através de portaria, ele

transferia os enterros para o Cemitério de Santa Izabel. Embora tenha funcionado por pouco tempo (1850–1880), o Cemitério da Soledade teve 31.872 sepultamentos.

Apesar do pouco reconhecimento de sua importância arquitetônica e histórica, o Cemitério da Soledade é considerado patrimônio paisagístico da capital, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Desde o tombamento foram elaborados alguns projetos de revitalização desse espaço, sobretudo para preservação de seus traços artísticos, um deles elaborado pela arquiteta Jussara Derenji. Porém, poucos foram realmente concluídos, e no máximo ocorreram restauros em sua capela. Infelizmente o que se vê é o ostracismo e depredação de mais um patrimônio cultural da cidade de Belém.

REFERÊNCIAS

BARATA, Mário. Tombamento do Cemitério da Soledade. **Folha do Norte**, Belém, 20 dez. 1963. Caderno 1, p.1.

MANESCHY, Orlando. Só Soledade. **A Província do Pará**, Belém, 17 dez. 1992. Caderno 2, p.1.

ROQUE, Carlos. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **A Província do Pará**, Belém, 20 jul. 1997. Caderno Cultura, p.6.

Espaço São José Liberto
Foto: Shirley Maciel Trindade



5 Espaço São José Liberto: um patrimônio cultural ligado do período colonial

*Darizete Ribeiro**

Luciana Ferreira

Maria de Nazaré Lopes Conceição

Saulo Rodrigo Teixeira Brito

Shirley Maciel Trindade

Suellen Souza da Cunha

Um ano após fundação de Belém antes batizada com o nome de Feliz Lusitânia, em 1617 surgiram os primeiros religiosos na cidade com o intuito de catequizar os indígenas e garantir ao Reino de Portugal a conquista completa da região. A primeira ordem a chegar em Belém foi a de Santo Antônio, pois ainda era grande a necessidade de evangelizar e catequizar os indígenas e assim cristianizar as colônias que formavam a possessão Lusitânia. Alguns anos depois, além da

* Alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará.

Ordem de Santo Antonio vieram para o Brasil as Ordens de Nossa Senhora da Piedade e de Nossa Senhora Beira Mi nho.

O trabalho de evangelização catequética era difícil, levando muitos movimentos religiosos a buscarem lugares onde pudessem morar e continuar o serviço para o qual haviam sido enviados. Assim, surgiram os mais antigos conventos da cidade, também conhecidos na época por hospícios, fazendo referência a hospedaria, ou seja, lugar onde os religiosos ficavam hospedados. Iniciando assim, as obras dos conventos como o São José, o Santo Antônio e o São Boa Ventura.

Além da catequese os frades e religiosos utilizavam os índios como mão-de-obra barata, como era comum nas atividades econômicas realizadas no Brasil colonial. Todo esse poder chamou a atenção do então primeiro ministro de

Portugal Marquês de Pombal, que em 1758 iniciou uma política que visava diminuir o poder da igreja e expulsar os jesuítas de Portugal e colônias, acusando a companhia de agir de maneira independente dentro do governo Português. Assim muitos conventos inacabados foram apropriados pelo governo, dentre este destacamos o convento de São José, palco de várias atividades, dentre elas; servindo primeiramente como depósito de pólvora; também como quartel que hospedou um batalhão; como sede de um Esquadrão de Cavalaria, e, por fim, como olaria. Dentre tantos momentos históricos importantes ocorridos neste espaço, vale destacar as atividades como hospital, onde foram atendidos os feridos no movimento da Cabanagem, fato histórico marcante da história do Pará. Como os feridos em sua maioria estavam sob jurisdição da justiça da época, o prédio

Logo assumiria a função de Cadeia Pública.

Em 1926 e 1927 foram realizadas reformas, buscando atender a crescente quantidade de detentos que cada vez mais se avolumava, trazendo consigo problemas causados pelo excesso de pessoas em um espaço reduzido. Em 1943, o interventor do Estado do Pará, Magalhães Barata, promoveu reformas profundas a fim de adequar o prédio à função de presídio.

Estas foram as principais mudanças no espaço desde sua utilização como cadeia pública até a desativação, deixando claro que ele não estava preparado para atender a demanda carcerária das próximas décadas. O presídio foi o lugar onde ocorreu uma das mais comentadas rebeliões existentes no Pará, ocorrida em 1998, aliás, um dos principais motivos que levaram as

autoridades competentes a desativá-lo no ano 2000.

Hoje, o espaço São José Liberto é considerado referência cultural, comercial e artística do patrimônio arquitetônico de Belém. Destaca-se por apresentar uma capela, museu de gemas, o jardim liberdade sob a forma de mandala e seis lojas de comercialização de jóias. Algumas delas oferecem peças inspiradas na cultura amazônica e outras oferecem jóias antigas.

Existe, também, a “Casa do artesão”, que apresenta coliseu de artes, ambiente destinado ao teatro, à dança, à música, aos grupos folclóricos e outras manifestações culturais. Outro espaço importante é o mezanico¹ reservado às atividades de capacitação e outros

¹ Arq. Andar intermediário, pouco elevado, entre dois pavimentos. Andar parcial construído no pé-direito de um andar, a que se tem acesso apenas pelo interior do cômodo.

eventos. O espaço gourmet foi criado para divulgação e degustação da culinária paraense, sendo muito procurado pelos visitantes.

Em síntese, o espaço São José Liberto foi criado para que os visitantes possam conhecer a história gemológica do Pará. Assim, ele não inicia apenas com a rebelião do desativado presídio São José, mas, com toda uma trajetória histórica desde o período Colonial até hoje, representando a memória histórica e cultural paraense.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo de Tarso. Presídio São José (Hoje Pólo Joalheiro de Belém). In: _____. **Belém e suas Histórias de Veneza Paraense a Belém Época**. 2. ed. rev. Belém: [S.n], 2004. p. 59-60.

CARVALHO JUNIOR, Roberto Zahluter. Franciscanos na amazônia colonial: notas de história e historiografia. **Projeto História**, São Paulo, n. 37, dez. 2008. p. 285-293. Disponível em: <<http://www.revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/3057/1970>> Acesso em: 24 out. 2010.

CASTRO, Leonardo. **A era do Marquês de Pombal e Antônio Landi**. Disponível em: <<http://parahistorico.blogspot.com/2009/02/era-do-marques-de-pombal-e-antonio.html>>. Acesso em: 25 out. 2010.

INSTITUTO DE GEMAS E JÓIAS DA AMAZÔNIA. **Espaço São José Liberto**. Disponível em: <<http://saojoselibertogama.blogspot.com>>. Acesso em: 17 out. 2010.

MAROJA, Ana Paula. **O Espaço São José (Belém-Pa): Libertados grilhões da lei e presos as imagens do tempo**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Artística)-Universidade da Amazônia, Belém, 2002.

Igreja da Sé
Foto: Paulo Mendes



6 Igreja da Sé: um patrimônio cultural do Pará

*Camila Brito**
Ivaldo Ledo
João Paulo Neves
Paulo Mendes
Renata Moraes

O Pará possui muitos patrimônios culturais, são bens materiais e imateriais que compõe a sua história e a identidade do seu povo. Podemos contemplar obras-primas como a Paróquia Nossa Senhora da Graça, ou Catedral Metropolitana de Belém, ou Igreja da Sé¹, como é mais conhecida, certamente um dos maiores destaques entre seus bens materiais, simplesmente, pelas suas grandiosas riquezas artísticas e arquitetônicas.

*Alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará.

As origens dessa Igreja se confundem com a própria fundação de Belém, pelo local e época em que a cidade veio a surgir, pois foi erguida inicialmente no Forte do Presépio, no ano de 1616, por portugueses. Era uma simples capela com paredes de barro e cobertura de palha, dedicada a Nossa Senhora da Graça. Pouco tempo depois se mudou para o local, que passou a ser chamado Largo da Sé, atual Praça Frei Caetano Brandão, na Cidade Velha, onde foi restaurada pelos jesuítas, mas veio a desabar completamente em 1714, tendo as suas funções paroquiais transferidas à outra igreja. Em 1723, D. João V ordenou que levantassem uma Catedral naquele local, mas foi construída somente em 1748.

¹ De "Sedes, is" - assento, cadeira ou cátedra situada na igreja, onde o pontífice oficia solenemente no local da sede do bispado ou arcebisado.

Mais tarde, no ano de 1771, a Igreja da Sé tem suas obras concluídas pelo arquiteto italiano Antônio José Landi. Externamente ele acrescentou duas torres com mais de 40 m de altura coroada de zimbório¹ e lanterna fingida. O frontão foi ladeado por pináculos piramidais neoclássicos de estilo mais barroco rococó, onde há um nicho com a imagem da Nossa Senhora. Internamente, pinturas nas capelas laterais, braços do transepto² e da capela-mor, púlpitos etc. Essas foram umas das marcas luso-italianas desse arquiteto.

Na Belle Époque, a Igreja recebeu obras de outros artistas europeus, nos forros da capela-mor, pinturas de Domenico de Angelis, um novo órgão, com 8

¹ Parte que exteriormente remata ou cobre a cúpula das igrejas e edifícios monumentais.

² Nave transversal que separa, numa igreja, o coro das outras naves, formando os braços de uma cruz, nos templos construídos no estilo das basílicas primitivas.

m de altura, 5,5 m de largura e 2,5 m de profundidade, de Cavalié-Coll, e um novo altar-mor, com 11 m de altura e de largura, em mármore, contendo tela a óleo do menino Jesus no presépio de Belém, de Lotini, a do Pai eterno, de Silvério Capporoni, e a de Nossa Senhora das Graças no retábulo, de Paulo Van Deschwauden. Outras decorações, com influências da arte neoclássica e barroca, a exemplo dos obeliscos, fogaréus, vasos floridos, folhagens, grilhões, conchados, na fachada. Os afrescos¹, inclusive com paisagens regionais, podem, igualmente, ser apreciados na Catedral, com sua arquitetura eclética setecentista.

¹ Gênero de pintura que consiste em revestir de argamassa uma parede e, sobre a massa ainda fresca, pintar em cores, embebendo as tintas na parede.

A Igreja da Sé participa de fatos importantes da história do Estado. Entre outros, o recebimento do corpo do maestro Carlos Gomes, antes de ser enterrado. Ela, também, é presença no Círio de Nazaré, como ponto de partida da procissão há mais de 200 anos. Cabe, então, a todos os paraenses valorizarem e preservarem esse patrimônio cultural, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1941, por ser um bem de valor reconhecido para memória da sociedade local.

Impresso em dezembro de 2010, em Belém (PA), na Gráfica XXXXX. Corpo do texto em fonte Consolas, tamanho 11/14. Papel XXXXX para o miolo e XXXXX para a XXXX g para a capa.



ISBN:

